

A porta

Magda Szabó

Tradução de
Edith Elek



Sumário

[\[Avançar para o início do texto\]](#)

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[A porta](#)

[A contratação](#)

[Irmãos de Cristo](#)

[Viola](#)

[Relações](#)

[O espelho de Murano](#)

[Bota-fora](#)

[Polett](#)

[Política](#)

[Nádori-Csabadul](#)

[Filmagem](#)

[O momento](#)

[Jejum](#)

[Surpresa de Natal](#)

[A intervenção](#)

[Sem lenço](#)

[O prêmio](#)

[Amnésia](#)

[Sutu](#)

[Finale](#)

[Herança](#)

[A solução](#)

[A porta](#)

[Notas](#)

[Sobre a autora](#)

[Leia também](#)

A porta

Eu raramente sonho. Mas quando acontece, acordo assustada, ensopada de suor. Então volto a me deitar, espero meu coração se acalmar, enquanto medito sobre o irresistível poder mágico da noite. Na minha infância e na minha juventude eu não tinha sonhos, nem bons nem maus, apenas a velhice arrasta em minha direção os aluviões do passado, esse horror cada vez mais compactado, mais assustador por ser tão impenetrável, essa tragédia, na realidade, jamais vivida, que me faz acordar aos gritos.

Meus sonhos são sempre exatamente iguais, visões recorrentes, eu sempre tenho o mesmo sonho.

Estou em pé diante da porta de entrada de casa, no final da escada, do lado de dentro, vejo a esquadria de ferro reforçada com tela de arame, com vidro à prova de arrombamento, e tento abrir a fechadura. Lá fora, uma ambulância está estacionada, e percebo através da janela a silhueta borrada dos enfermeiros, enormes, de tamanho sobrenatural, com rosto inflado, envolto por um halo, como a lua. A chave gira na fechadura, mas, por mais que me esforce, não consigo abrir a porta e, no entanto, devo deixar entrar os socorristas, senão será tarde demais. Mas a fechadura nem se abala, a porta permanece impávida como se estivesse fundida em sua estrutura de ferro. Grito por socorro, mas nenhum dos moradores do prédio de três andares presta atenção em mim, eles nem poderiam, pois me dou conta de que só mexo a boca, como um peixe, não sai nenhum som, o auge de desespero do sonho é saber, bem lá no fundo, que não apenas não consigo abrir a porta para o socorro entrar mas que também fiquei muda. O meu próprio grito é que me acorda

nessas ocasiões, acendo a luz, tento superar a falta de ar que me acomete depois do sonho, em torno de mim estão nossos móveis familiares do quarto, sobre o espaldar da cama a iconografia familiar, meus parentes maternos e paternos, vestidos com dólmãs cheios de passamanarias, em estilo húngaro barroco ou Biedermeier, meus antepassados que viam e entendiam tudo, as únicas testemunhas de quantas vezes corri durante a noite e abri a porta para ambulâncias e resgates, quantas vezes imaginei – de madrugada, enquanto as ruas estavam silenciosas em lugar dos ruídos do dia, apenas o farfalhar de um galho seco ou passos sorrateiros de gatos pelo portão escancarado – como seria se alguma vez eu tivesse lutado com a chave em vão, e ela não virasse na fechadura.

Esses retratos tudo sabem, principalmente que mais quero esquecer e não é um sonho: uma vez, uma única vez em minha vida, não durante a anemia cerebral do sono, mas sim na realidade, uma porta se colocou diante de mim, a qual a pessoa que estava lá dentro não teria aberto, pois protegia a visão de seu abandono e terrível estado físico, ainda que o telhado sobre sua cabeça já ardesse em chamas. Eu era a única que tinha o poder de mover aquela fechadura: a pessoa que girou a chave acreditava mais em mim do que em deus, e eu também pensava assim, que, naquele instante fatal, eu era deus, sábia, ponderada, boa e racional. Nós duas estávamos enganadas, ela, que tinha confiança em mim, e eu, que pecava por excesso de presunção. De qualquer modo, agora não importa mais, porque o que já aconteceu não tem reparação. Então, que venham, uma vez ou outra, essas Erínias, com seus sapatos de enfermeiro em forma de coturno, sua máscara trágica e touca de profissional de saúde, que montam guarda em torno de minha cama brandindo sua espada de dois gumes, os meus sonhos. Apago a luz a cada noite esperando por elas, me preparando para ouvir o estridente soar da campainha que fará avançar esse horror inominável em direção à porta de meu sonho, que jamais se abrirá.

Minha religião não reconhece a prática da confissão individual, nós reconhecemos nossos pecados por meio da palavra do pastor, somos pecadores e passíveis de castigo, pois nós pecamos de todas as maneiras possíveis contra os mandamentos. Somos absolvidos sem que deus exija de nós explicações ou detalhes.

É isso que farei aqui.

Este livro não foi escrito para deus, que conhece minhas entranhas, nem para as sombras, que são testemunhas de tudo e me observam a todo instante, nas horas de vigília ou de sono, mas sim para os homens. Vivi com coragem, espero morrer da mesma forma, com coragem e sem mentir, mas, para isso, é preciso que eu diga: fui eu que matei Emerenc. Eu queria salvá-la, e não matá-la, mas não faz a menor diferença.

A contratação

Na primeira vez em que negociamos, eu queria ver seu rosto, e ela me deixou constrangida por não me dar nenhuma oportunidade. Ela estava em pé diante de mim como uma estátua, imóvel, não numa posição rígida, bastante relaxada até, eu mal via sua testa, ainda não sabia que nunca a veria sem um lenço na cabeça a não ser em seu leito de morte. Ela sempre usava véu, como uma católica fervorosa ou uma judia no dia do Shabat que foi impedida de se apresentar diante do Senhor com a cabeça descoberta. Era um dia de verão, sem nenhum motivo para se abrigar, estávamos no jardim, no começo da noite, sob um céu tingido de violeta, e ela não combinava com as rosas ao seu redor. Às vezes nós temos essa intuição, qual flor uma pessoa seria se nascesse como flor. Ela, com certeza não seria uma rosa; o desabrochar quase impudico de carmim parece bem pouco inocente. Logo senti que aquela não seria a flor de Emerenc, mesmo sem saber nada sobre ela, menos ainda a flor que a representaria.

O lenço que cobria seu rosto produzia uma sombra sobre os olhos, que, mais tarde descobri, eram azuis. Queria saber de que cor eram os cabelos, mas esses ela sempre escondeu enquanto teve consciência de si. Vivemos minutos importantes nesse começo de noite, ambas precisávamos decidir se poderíamos aceitar uma à outra. Morávamos haviam poucas semanas no novo apartamento, bem maior que o anterior, que tinha apenas um quarto e era mais fácil de limpar, eu não precisava de ajuda, mas minha carreira, congelada nos últimos dez anos, acabara de recomeçar, e aqui, neste novo lugar, passei a ser novamente escritora em tempo integral, com possibilidades crescentes e inúmeras

situações que me prenderiam à escrivaninha ou exigiriam minha saída de casa.

Então, por isso estava naquele momento em pé, no jardim, diante dessa velha emudecida, pois já ficara claro que se alguém não tomasse de minhas mãos as tarefas da casa, mal poderia publicar tudo que armazenara nos meus anos de silêncio nem poderia trazer à vida o que eu ainda tinha a dizer. Quando terminamos a arrumação dos livros nas estantes e ajeitamos nossa frágil mobília, que precisava ser manuseada com precaução, imediatamente comecei a procurar uma empregada. Perguntei a todos os conhecidos do bairro, finalmente uma antiga colega de escola resolveu nossos problemas, ela disse que uma velha mantinha a casa da irmã dela havia anos, que valia mais do que qualquer jovem, ela a indicava de todo coração, desde que estivesse disponível. Ela garantia que essa pessoa não poria fogo na casa com seu cigarro, não teria problemas com homens, não levava nada embora, talvez até trouxesse coisas se gostasse de nós, porque ela adorava presentear. Nunca teve marido nem filhos, um sobrinho vinha visitá-la regularmente, assim como um policial, todo mundo gosta dela no bairro. Falava sobre a mulher com calor humano e respeito, contou que Emerenc também era zeladora, portanto, era uma personagem quase oficial, e esperava que nos aceitasse, porque se não agradássemos a ela, não haveria dinheiro que a fizesse aceitar o trabalho.

Os primeiros passos não foram promissores, a própria Emerenc não se mostrou nada afável quando lhe pedi que viesse, assim que possível, para conversarmos um pouco. Eu a encontrei no pátio do prédio onde ela era zeladora – ela morava perto de nós, tão perto que de nossa varanda eu via onde morava. Naquele momento ela começava a lavar uma quantidade enorme de roupas, com apetrechos antiquados, fervia a roupa de cama dentro de um caldeirão, num fogareiro ao ar livre, e erguia os lençóis com grandes colheres de pau, em meio a um calor que

já era, por si só, insuportável. O fogo a iluminava, era alta, ossuda, ainda forte, apesar de velha, tal qual uma Valquíria, o lenço na cabeça amarrado de tal forma que lembrava um elmo de guerra.

Concordou em me procurar, por isso nos encontrávamos ali, em pé, no jardim, naquele final de tarde. Ela me observava calada enquanto eu explicava quais seriam suas tarefas na casa, e, enquanto eu falava, me dei conta de que jamais acreditei em escritores de séculos passados, quando, em meio a um grande romance, comparavam a expressão de um personagem a um lago. Fiquei envergonhada, como tantas outras vezes, por ousar duvidar dos clássicos: o rosto de Emerenc simplesmente não era comparável a nada além da superfície lisa de um espelho de água na madrugada. Eu não sabia o quanto minha oferta a interessava, ela não necessitava nem de emprego nem de dinheiro, isso se percebia logo, a mim é que seria terrivelmente importante que ela aceitasse, porém, aquele rosto lacustre, sombreado pelo lenço que parecia um acessório ritual, demorou a expressar qualquer som. Nem quando finalmente respondeu ela levantou a cabeça: é possível que voltemos a conversar pois uma das casas em que trabalha se tornara um ambiente desagradável, o marido e a mulher bebem, o filho mais velho era um depravado, ela não quer mais ficar com eles. Se alguém nos recomendasse e conseguisse convencê-la de que nesta casa ninguém é briguento nem bebe, seria possível conversar sobre o negócio. Eu a ouvi, pasma, era a primeira vez que alguém exigia referências nossas.

– Eu não lavo a roupa suja de qualquer um – disse Emerenc.

Sua voz era um soprano límpido. Já devia morar havia tempos na capital, pois, se eu não tivesse me formado em linguística, não teria percebido em suas vogais a provável origem das minhas próprias raízes interioranas. Perguntei se ela também era da região de Hajdú, pensei que ficaria contente com a pergunta, mas apenas anuiu com a cabeça, sim, ela veio de Nádor para a cidade grande, mais exatamente do povoado de

seu irmão, Csabad, mas mudou rápido de assunto como quem quer sinalizar que não deseja falar sobre o tema. Assim como tantas outras coisas, isso também só ficou mais claro depois de anos, a pergunta lhe pareceu invasiva e impertinente. Emerenc não estudou Heráclito, ainda assim sabia mais das coisas do que eu, que sempre que possível retornava à cidade natal, procurando o que desaparecera, o irrecuperável, a sombra das casas que tombaram em meu rosto algum dia, meu lar perdido da infância e, claro, não encontrando nada, pois por onde correria aquele rio cujas águas carregavam em suas gotas os cacos de minha vida? Emerenc era mais sábia, não experimentava nada impossível, reservava sua energia para o factível no futuro em nome do passado, mas é claro que só fui compreender o todo mais tarde.

Naquele dia, quando ouvi pela primeira vez o nome dos dois lugarejos, Nádor e Csabad, percebi que não deveria mais pronunciá-los, que, por algum motivo, essas duas palavras eram tabus. Se de fato eram, falemos de coisas mais reais. Pensei que nossa combinação seria por hora trabalhada, seria mais vantajoso para ela, mas por enquanto ela não queria tomar decisões, me informou. Ela decidiria quanto a pagaríamos quando já tivesse uma opinião sobre nós, quando soubesse se éramos desleixados, bagunceiros, quanto trabalho ela teria. Procuraria se informar a nosso respeito – não com a minha colega de escola, ela seria suspeita –, quando conseguir, mesmo no caso de resposta negativa, ela entrará em contato. Apenas a observei enquanto se afastava sem pressa, houve um momento tentador em que pensei, essa velha é tão singular, talvez fosse mais conveniente para todos se não aceitasse o emprego, ainda não é tarde, vou chamá-la para dizer que mudei de ideia. Não a chamei. Emerenc retornou depois de uma curta semana, é claro que a encontrei na rua mais de uma vez, ela apenas cumprimentava e passava por nós, como quem não quer antecipar a decisão nem fechar uma porta que sequer fora aberta. Quando tocou a campainha, vi que estava vestida

com sua melhor roupa, logo entendi o significado de seu traje, caminhei ao seu lado, um pé depois do outro, um pouco constrangida pela quase indecência do meu vestido de verão. Ela usava preto, um vestido de lã de boa qualidade, de mangas longas, sapatos de verniz e, como se retomasse a conversa de onde tínhamos parado, informou que no dia seguinte começaria a trabalhar e lá para o fim do mês poderia me dizer quanto seria o pagamento mensal. Enquanto isso, olhava fixamente para meus ombros desnudos, fiquei contente que ela pelo menos não encontraria motivos para fazer objeções ao meu marido, sentado de paletó e gravata, debaixo do sol de trinta graus, mesmo em dias escaldantes ele não modificava seus hábitos adquiridos antes da guerra, na Inglaterra. Ambos, ali ao meu lado, estavam vestidos como se quisessem dar o exemplo a um povoado originário, ao qual eu pertencia, e incutir nele respeito pelos sinais externos de dignidade humana. Se havia alguém no mundo parecido com meu marido no que diz respeito a certas normas, era Emerenc, e esse foi o provável motivo pelo qual, durante muito tempo, não conseguiram se aproximar.

A velha estendeu a mão a ambos, depois evitou qualquer contato físico comigo, se eu fazia um gesto em sua direção, ela empurrava minha mão, como se espantasse uma mosca, embora naquela noite ela não tivesse ido para começar a trabalhar, isso não seria digno ou decoroso: Emerenc tinha ido aceitar o trabalho. Ao se afastar, se despediu de meu marido nestes termos: “Desejo boa noite ao patrão.” Ele a observou um pouco espantado, não havia no mundo outra pessoa com a qual combinasse tão pouco essa linda palavra. De qualquer modo, o chamou assim até a sua morte, com o tempo meu marido se acostumou ao novo nome e passou a responder quando chamado.

* * *

Nenhum acordo estipulava sobre quantas horas Emerenc deveria trabalhar em nossa casa, nem o seu horário de chegada. Às vezes não a víamos ao longo do dia, e então ela aparecia às onze horas da noite e limpava a cozinha e a dispensa até de madrugada; e também acontecia de não podermos usar o banheiro durante um dia e meio, pois ela deixara os tapetes de molho na banheira. Seu excêntrico horário de trabalho era compensado por seu surpreendente desempenho, a velha trabalhava como um robô, pouco clemente para consigo mesma, levantava móveis que ninguém mais levantaria, havia algo sobre-humano em sua capacidade de trabalho e sua força, quase assustador, porque, afinal, ela nem tinha necessidade de assumir tanto. Emerenc visivelmente entregava-se inteira ao trabalho, ela gostava disso, não saberia de que outro modo usar suas horas livres. Tudo que fazia era irrepreensível, andava para lá e para cá pelos aposentos, quase sempre muda, ela não apenas era nem íntima nem curiosa, mas evitava qualquer conversa fiada. Ela pedia muito, muito mais do que eu imaginava, mas também dava muito. Quando eu avisava que teríamos visitas, ou se alguém aparecia de repente, ela perguntava se precisava de ajuda, mas, na maioria das vezes, eu dispensava sua oferta. Não queria que nossos amigos soubessem que eu não tinha nome dentro de minha própria casa, Emerenc só encontrou um nome para meu marido, eu não era senhora nem nada, e isso durou enquanto ela não pôde definir um lugar para mim em sua vida, enquanto ela não descobria quem eu era para ela e como deveria me chamar. Nisso, é claro, ela também tinha razão, porque, sem emoção, qualquer definição seria imprecisa.

Emerenc infelizmente era perfeita em tudo que fazia, às vezes esmagadoramente, a minhas tímidas palavras de reconhecimento ela não fazia rodeios, dizia que não esperava um reconhecimento a cada instante, que não tínhamos que fazer elogios, ela sabia muito bem quanto valia seu trabalho. Usava sempre a cor cinza, apenas nos feriados ou em dias

especiais, preto; nos dias comuns protegia seu vestido com um avental, que trocava todos os dias, e detestava lenços de papel, usava lenços de algodão, brancos como neve, duros de tão engomados. A descoberta de que ela tinha também suas fragilidades me deu uma certa alegria, por exemplo, quando aparentemente sem nenhum motivo, durante uma boa parte do dia, ela se mantinha em silêncio mesmo que eu perguntasse qualquer coisa, acabei percebendo que só acontecia quando havia raios e trovões: ela morria de medo de tempestades. Quando o tempo fechava, largava o que tivesse nas mãos, e sem nada dizer, corria para sua casa para se esconder.

– Não existe velha sem manias – comentei com meu marido, mas ele balançou a cabeça.

– Esse pavor é ao mesmo tempo mais e menos do que uma mania. Parece que tem uma razão de ser, mas, segundo ela, não é da nossa conta. Afinal, alguma vez ela contou algum fato importante de sua vida?

Se me lembro bem: nunca. Emerenc não é de muita conversa.

* * *

Já trabalhava conosco havia mais de um ano quando pedi a ela que recebesse em meu nome um pacote que chegaria à tarde, meu marido aplicava uma prova na escola e meu dentista só tinha aquele horário para me atender. Preguei um bilhete na porta, avisando a quem o portador deveria procurar em nossa ausência, e corri até a casa de Emerenc, eu tinha esquecido de avisá-la na hora da limpeza sobre o meu pedido, ela havia acabado de sair havia poucos minutos, deveria estar em casa. Sua porta permaneceu indiferente às minhas batidas, mas eu a ouvia mexendo em coisas lá dentro e, aparentemente, a maçaneta estava estática, o que não era uma visão incomum, ninguém nunca havia visto a porta de Emerenc aberta, nem rezando ela atendia, depois de chegar em

casa, corria o ferrolho em portas e janelas, todo mundo no bairro estava acostumado. Gritei, por favor, depressa, porque tenho que ir e preciso lhe pedir um favor, num primeiro momento, o mesmo silêncio inalterável recebeu minha voz, mas quando bati na maçaneta, ela se abriu tão bruscamente que tive medo de que me machucasse. Emerenc bateu a porta atrás de si, gritando que eu não deveria incomodá-la depois do horário de trabalho, não era paga para isso. Fiquei ali parada e envergonhada, corada até o pescoço pela gritaria sem motivo, pois se por alguma obscura razão ela se sentia ofendida com isso, eu a requisitando fora de seu território, poderia dizê-lo com mais calma. Balbuciei meu pedido, ela nem respondeu, apenas permaneceu ali, parada, me encarando, como se eu tivesse enfiado uma faca em seu braço. Está bem. Eu me despedi de forma educada, fui para casa, desmarquei o dentista, meu marido já tinha ido embora, apenas eu estava em casa para esperar o pacote. Não tinha vontade nem de ler, zanzava pela casa, refletia sobre o que havia feito de tão desastrado, por que essa recusa tão violenta, deliberadamente insultante, que ainda por cima não lembrava em nada o comportamento da velha senhora, às vezes tão formal que até nos deixava encabulados.

* * *

Permaneci sozinha por um bom tempo. Para estragar o dia de vez, o pacote não chegou, eu esperara à toa, meu marido também não voltou no horário de sempre, no final da prova ficou com os alunos, eu folheava um livro de arte quando ouvi que a chave virava na fechadura da cozinha. Não ouvi a palavra com que nos cumprimentávamos sempre, disso deduzi que não era meu marido. Era Emerenc, a quem nessa noite péssima eu não esperava rever de modo algum. Ela já deve ter se acalmado, pensei, e vem se desculpar. Mas Emerenc nem entrou

na sala, não disse nada, ouvi que ela mexia na cozinha, a fechadura da porta fechou rapidamente, ela já tinha ido. Quando meu marido chegou, fui pegar nosso jantar de sempre na geladeira, dois potes de quefir, e vi um prato de peito de frango rosado, cortado em fatias finas e recomposto em seu formato original, com uma habilidade de cirurgião. No dia seguinte, ao agradecer Emerenc pelo repasto de reconciliação e lhe devolver o prato lavado, ela não apenas não respondeu “de nada” nem “é um prazer” como negou ter fatiado o peito de frango e recusou o prato, eu o tenho até hoje. Muito tempo depois, descobri por um telefonema, quando comecei a ir atrás do pacote jamais entregue, que ficara em casa naquela tarde sem fazer nada realmente sem motivo, o pacote estava na dispensa, na prateleira mais baixa, ela o trouxera com o frango, pois ficou esperando do lado de fora diante do portão, disse ao portador o que eu a instruíra a dizer, sem me avisar, recebeu a encomenda e voltou para sua casa. Foi um episódio importante em nossa vida, pois daquele momento em diante eu senti por muito tempo que a velha não batia muito bem da cabeça, a partir dali teríamos que levar em conta o funcionamento peculiar de sua mente.

Muitas coisas vieram reforçar tal conclusão, principalmente as informações vindas do técnico de gás que morava no mesmo prédio que ela, e em suas horas livres fazia todos os consertos do bairro, que desde que veio morar aqui, há mil anos, nenhum morador passara do pátio de entrada da casa de Emerenc, porque ela não deixa ninguém entrar e também a desagrada se alguém inesperadamente a chama do lado de fora. Ela cuida de seu gato lá dentro, também não o deixa sair, as pessoas o ouvem miando, mas ver, ninguém viu nada do que há lá dentro, as janelas estão sempre fechadas pelas cortinas. O que ela guarda, além do gato, ninguém é capaz de dizer, embora, se ela realmente tem coisas de valor, não faz bem em se trancar assim, qualquer um pode imaginar que ela esconde objetos valiosos e abordá-la

para roubá-los. Nunca sai do bairro, no máximo quando algum conhecido é enterrado ela o acompanha em sua última viagem, mas sempre volta correndo para casa, como se um perigo a ameaçasse o tempo todo. Mas não se deve ficar ofendido por não conseguir entrar, mesmo seu sobrinho, filho de seu irmão Józsi, e o tenente-coronel são recebidos em frente à porta, no inverno e no verão, eles já sabem, são proibidos de entrar, mas apenas dão risada, já se acostumaram.

O retrato que faziam dela com palavras era bastante assustador, me tornei ainda mais apreensiva. Como é possível viver tão reclusa? E por que ela não deixa o gato sair, já que tem um e a casa é contornada por um pedaço de jardim cercado? Na verdade, eu achava que ela era louca, até que uma de suas cortejadoras, Adélka, a viúva do farmacêutico, com um discurso prolixo, me explicou: Emerenc havia tido um gato, grande caçador, e, durante a guerra, mudou para lá um novo morador, criador de pombos, que resolveu o problema de modo radical, foi quando Emerenc disse a ele que o gato não era um professor universitário que se podia convencer de algo por meio de palavras, e infelizmente faz parte de seu temperamento que, mesmo quando bem alimentado, goste de matar, o criador de pombos, em vez de pedir a Emerenc que mantivesse o gato trancado em casa, resolveu ele mesmo a questão, pendurando o caçador estrangulado na maçaneta da porta de Emerenc. Chegando em casa, a velha deu de cara com o corpo enrijecido do animal, e o homem ainda lhe fez um discurso formal: que ele fora obrigado a proteger, pelo meio que ele próprio escolhera, aquilo que era o seu ganha-pão e única fonte de renda de sua família.

Emerenc não disse uma palavra, desfez o nó de arame que prendia o gato, pois o carrasco não usara corda, e sim arame, o gato morto era assustador, com sua garganta escancarada, ela o enterrou no jardim, no túmulo do senhor Szloka, que ainda não havia sido exumado, em função disso foi caluniada, e o carrasco do gato a denunciou à polícia, mas por

sorte o assunto foi abafado. As providências policiais, de qualquer forma, não trouxeram bênçãos ao criador de pombos, ele nem podia brigar com Emerenc, ela olhava através dele como se fosse transparente, e se tinha algo oficial para tratar com ele, mandava recado pelo faz-tudo, porém, como se houvesse um acordo tácito de solidariedade entre os animais, os pombos morriam, um após o outro. Então a polícia precisou intervir mais uma vez; o tenente-coronel que a visita de tempos em tempos naquela época ainda era subtenente. O criador de pombos tinha denunciado Emerenc por envenenar suas aves, mas os pombos autopsiados não tinham veneno no estômago, conforme atestou o veterinário, eles morreram por causa de um vírus desconhecido, outros pombos também haviam morrido da mesma coisa, não havia motivo para incomodar vizinhos e autoridades por uma questão como essa.

Então, os moradores se uniram contra o assassino do gato, o casal mais distinto do prédio, os Brodarics, entregaram uma petição ao Conselho do bairro, dizendo que aquele constante arrulho atrapalhava o sono, o faz-tudo afirmou que a sujeira dos pombos caía sempre na sua varanda, a senhora engenheira queixava-se de que suas manifestações alérgicas se deviam aos pombos, o Conselho não ordenou que abatesse o pombal, mas fez uma advertência, os moradores se sentiram traídos, desejavam uma penalidade pelo gato enforcado de Emerenc, um verdadeiro castigo.

Pois isso também aconteceu: o carrasco sofreu outra perda, seus novos pombos morreram do mesmo modo misterioso. O sujeito mais uma vez tentou fazer uma denúncia, o subtenente já nem pediu um parecer do veterinário e deu-lhe uma repreensão horrorosa por incomodar a polícia já tão sobrecarregada, e ele finalmente entendeu a lição, se pôs a gritar na recepção amaldiçoando Emerenc, e seu último ato foi acabar também com o novo gato dela, mas de modo a não deixar provas, e se mudou para a periferia. Com seu afastamento definitivo, ele

passou a atormentar as autoridades com queixas infundáveis à zeladora. Emerenc enfrentara essa perseguição com tanta serenidade, com tanta sabedoria e tanto bom humor que o Conselho e a polícia acabaram gostando dela, não davam continuidade a nenhuma queixa contra ela, se acostumaram com o fato de que ela atraía as denúncias anônimas como os para-raios aos raios. Na polícia abriram um dossiê especial para Emerenc, no qual guardavam esse material variado, mas quando uma das famosas cartas chegava, apenas faziam um sinal de desdém com as mãos, não havia policial principiante que não reconhecesse o vocabulário do homem dos pombos e seu estilo pomposo para descrever os fatos. De tempos em tempos, um policial passava pela casa de Emerenc, para tomar um café e conversar, o subtenente promovido a tenente-coronel, sempre quando um rapaz novo entrava no serviço, o apresentava a ela, Emerenc preparava linguiça, pogachas, panquecas, segundo o desejo de cada um, os guardas que vinham dos pequenos vilarejos ali se lembravam desses lugares, de sua avó, relembavam a família que ficara para trás, nem se incomodavam com os que lhe segredavam, entre seus pecados, terem sido acusados também, de matar e roubar judeus na guerra, ou terem sido espiões para os norte-americanos, ou que tratara de um desertor em sua casa, de ter ocultado bens e esconder tesouros roubados ali. Na verdade, depois do relato de Adélka, fiquei realmente tranquila, principalmente depois de ter ido à polícia por ter perdido um documento. O tenente-coronel passava naquele exato momento pela recepção, quando eu ditava meus dados, meu nome chamou sua atenção, ele me fez sentar diante dele enquanto o novo documento era preparado. Eu estava convencida de que ele reconheceria meu nome por conta de meus livros, depois descobri que estava enganada. Não queria conversar sobre nada, apenas saber de Emerenc, como ela está se saindo, se está bem, foi ela quem lhe disse que trabalhava em nossa casa, e queria saber também se a menininha de Józsi, irmão dela, já havia saído

do hospital. Eu nem sabia da existência dessa criança. Admito que, no começo, tinha medo de Emerenc.

* * *

Ela cuidou de nós durante mais de vinte anos, mas nos primeiros cinco acho que daria para medir com fita métrica a distância que ela impunha. Sou uma pessoa amigável, gosto de conversar mesmo com estranhos, Emerenc só se aproximava para dizer o imprescindível, voltava correndo ao trabalho, concentrada, como se tivesse volume incontável de afazeres ou compromissos inadiáveis. Sua vida preenchia as vinte e quatro horas, e como não permitia a entrada de pessoas entre suas quatro paredes, as notícias passavam por ela, o pátio em frente à sua casa parecia uma sala de telefonistas, todos vinham falar sobre mortes, brigas, boas notícias, catástrofes. Preparar comida para os doentes lhe dava grande alegria, por isso sempre ao ouvir dizer que alguém estava precisando ser alimentado, lá ia ela, eu cruzava com ela na rua com uma travessa de comadre,* que eu percebia pelo formato. Emerenc sempre sabia quando alguém passava necessidade, quando precisavam de sua ajuda, fazia parte de seu brilho pessoal, todos se abriam com ela e sabiam que não receberiam nada em troca, além de lugares comuns e falsos segredos. Política não a interessava, arte menos ainda, não entendia nada de esportes, se ouvia comentários de alguma infidelidade constatada na vizinhança, não fazia julgamentos, o que ela mais gostava era a previsão do tempo, certificava-se de que não havia uma tempestade em formação, pois suas visitas ao cemitério eram regidas por isso, além de que, como eu já disse, ela morria de medo. O tempo determinava não apenas isso que podemos chamar de vida social de Emerenc, mas também seu horário no outono e no inverno, quando chegavam as verdadeiras tempestades, seu novo tirano. Era ela quem varria a neve diante da maior parte das casas do

bairro, não tinha tempo nem de ouvir rádio, apenas tarde da noite ou de manhãzinha, quando ela estava na rua, as estrelas mostravam como seria o tempo no dia seguinte, conhecia-as pelo nome que seus avós lhe davam, a intensidade ou a palidez de seu brilho lhe revelavam as mudanças de tempo que estavam por vir, mesmo quando nenhum boletim as mencionava. Ela se responsabilizara por varrer a neve na frente de onze prédios, quando se dedicava a essa tarefa, se punha irreconhecível, seu corpo, sempre muito bem protegido, parecia uma boneca de trapos imensa, em lugar dos sapatos brilhantes, trabalhava de galochas, nos invernos rigorosos a gente pensava que ela talvez jamais fosse para casa, que vivia na rua, nem se deita, como todos os mortais. Parece que isso de fato era assim: Emerenc nunca se deitava, só trocava de roupa depois de se lavar, não havia cama entre seus móveis, dormitava em um pequeno sofá tipo namoradeira, ela afirmava que lhe vinha uma fraqueza quando deitava, que apenas sentada consegue apoio para os quadris doloridos, quando se deita fica tonta, ela não precisa de cama.

É claro que, quando a neve cai sem parar, nem na namoradeira ela descansa, pois quando termina com a quarta casa, a calçada da primeira já está soterrada, então ela corria de casa em casa, com sua imensa galocha, com sua ainda maior vassoura de galhos. Nós nos acostumamos a não contar com ela nesses dias brancos, nunca reclamei, nem tinha por quê, os argumentos, embora não formulados, de Emerenc, seriam impossíveis de questionar: nós temos um teto sobre nossa cabeça, ela sempre faz uma boa limpeza, podemos esperar até ela ter de novo um tempo, e compensará, além do mais, a mim também não me faria mal um pouco de exercício. Quando a neve se tornava mais humana, Emerenc reaparecia, arrumava a casa maravilhosamente e, sem nenhuma explicação, deixava sobre a mesa da cozinha algum assado ou uma fornada de biscoitos, e eu podia deduzir que o alimento contrabandeado

era um recado, assim como fora o peito de frango em sua primeira malcriação: vocês foram bonzinhos, dizia aquele prato, como se ainda fôssemos crianças e não estivéssemos todos de regime, e crianças boas e pacientes merecem recompensa.

Como podia caber em uma única existência tanta vida, não sei, mas Emerenc também jamais se sentava, quando não tinha uma vassoura nas mãos, era certo que levava nas mãos uma travessa de comadre para algum lugar, ou procurava o dono de um animal perdido, e, se não encontrasse, tentava empurrar o rejeitado em cima de alguém, quase sempre com sucesso, caso contrário, fosse gato ou cachorro, de repente evaporava da vizinhança, como se nunca tivesse fuçado nas latas de lixo. Trabalhava muito, em vários lugares, ganhava muito, mas não aceitava de nenhuma forma gorjeta, isso eu ainda conseguia entender, mas por que ela manda devolver os presentes isso jamais descobri. A velha só gostava de dar, se quisessem surpreendê-la com algo, não reagia sorrindo e sim, zangada. Durante anos tentei várias vezes, quem sabe afinal aceite algum presente meu, me informava com grosseria que não é necessário um ganho extra pelo que faz, eu guardava o envelope profundamente ofendida, enquanto meu marido se divertia, dizia para eu parar de tentar seduzir Emerenc, que parasse de me esforçar no sentido de mudar a situação dada, a ele lhe agrada essa sombra efêmera que, embora incapaz de manter horários e regras, desempenha todas as suas tarefas e não aceita nem mesmo uma xícara de café. Emerenc era uma ajuda ideal. Se eu julgava seu trabalho insuficiente, se eu queria estar em harmonia com todo mundo, era problema meu. Não foi fácil para mim reconhecer que Emerenc tinha decidido que não queria que fôssemos próximos dela, nem nós nem ninguém mais, naquela época.

Irmãos de Cristo

Na verdade, ela nos manteve a distância durante anos, até que meu marido adoeceu gravemente. Como a velha aparentemente não se interessava por nada que ocorria em casa, eu estava convencida de que o máximo de emoção que ela manifestaria seria trazer uma travessa de comadre, se eu lhe contasse a verdade que ela não tinha percebido, portanto não contei nada, acompanhei meu doente ao hospital para a retirada de um abcesso no pulmão, sem que ninguém no prédio ou no bairro soubesse, nem mesmo ela sabia aonde estávamos indo. Ela não fazia a menor ideia do que estava acontecendo até aquele momento, nem dos exames preparatórios, de nada, quando finalmente cheguei em casa, Emerenc estava sentada na poltrona e em seu avental havia uma porção de colherinhas de prata, que ela estava limpando. A operação do meu marido durara seis horas, as quais passei olhando para a lâmpada acesa sobre a porta da sala de cirurgia, enquanto sabia, sem que ninguém me tivesse explicado, que precisava contar com a possibilidade de que o operado talvez jamais acordasse novamente, então pode-se imaginar em que estado voltei para casa. Emerenc viveu pela primeira vez a experiência de perceber que eu a havia deixado de fora de um evento importante de minha vida, e comuniquei a ela apenas a situação momentânea, sem nenhum detalhe. A velha me olhou: eu a deixara de fora do meu terror de uma cirurgia, que poderia acabar em morte, como se ela fosse uma estranha. Ela disse isso, não ofendida, mas indignada, ao que eu respondi, minha experiência até agora é que a senhora não tem interesse algum por nossa vida, como eu poderia saber que seus sentimentos seriam tocados por algo que nos diz respeito, além do mais,

que não se ofendesse, mas eu desejava ficar só, quero deitar cedo hoje, não foi um dia fácil, e tudo ainda pode acontecer. Emerenc saiu imediatamente, pensei que talvez, para sempre, de tanto que a machuquei, mas cerca de meia hora depois acordei de um sonho leve e confuso, ouvindo que ela zanzava pela casa, até que apareceu com um cálice fumegante.

Trazia um objeto de arte sobre uma bandeja de metal, de vidro grosso, azul real, com duas mãos lapidadas em meio a uma guirlanda de flores oval, no pulso da mão feminina, uma pulseira, na mão masculina, uma manga de renda, ambas segurando uma placa dourada com a palavra francesa TOUJOURS inscrita, em letras esmaltadas azuis. Peguei-o pela base, segurei-o contra a luz, vi um líquido escuro com cheiro de cravo fumegante. “Precisa beber!”, disse Emerenc. Não queria beber, não queria nada além de silêncio.

“Precisa beber”, ela repetiu, como se falasse com uma criança malcriada e pouco inteligente, e quando viu que eu me desfazia do copo e não abria a boca, ela o tomou de mim, e espirrou no decote de meu vestido um pouco do vinho quente e eu gritei. Pegou minha mão, bateu com o cálice nos meus dentes, se não quisesse ser banhada, teria que engolir. Essa era a melhor bebida do mundo, embora fervente, e em cinco minutos o tremor de meu corpo cessou. Pela primeira vez na vida Emerenc sentou ao meu lado no sofá, tirou de minha mão o copo vazio, depois ficou ali, esperando que eu me manifestasse, que pusesse para fora aquelas seis horas contidas e o que poderia vir em seguida. Mas eu não conseguia falar, concatenar as ideias, sobre o que havia acontecido, o que havia sentido, do horror que antecederia o fato, a bebida que tomei em um gole só também teve lá o seu efeito, sei disso porque adormeci, e em certo momento acordei, e a luz permanecia acesa como quando chegara em casa, mas o relógio mostrava duas horas da manhã. Ela deve ter aberto a minha cama, pois uma manta de verão me protegia sobre o

sofá, a qual ela só poderia ter tirado de sob minha cama. Com sua voz de todos os dias, sem nenhuma entonação sentimental, ela disse que era desnecessário passar a noite envolta em maus pensamentos, que eu relaxasse, porque não vê nada grave, ela costuma sentir a morte chegando, além disso nenhum cachorro na região dera nenhum sinal, nenhum copo quebrou, nem aqui nem em sua casa, é claro, tenho o direito de não acreditar no que ela diz, se por acaso quiser recorrer ao céu, ela pode me trazer a Bíblia, não tenho a obrigação de conversar com ela.

* * *

Naquele momento não me lembrava mais do vinho quente e de que no fim das contas ela havia passado a noite ao meu lado, apenas percebia a ironia em suas palavras. Ainda por cima uma crítica, agora. Não bastava ir à igreja aos domingos por caminhos alternativos só para evitar seus comentários dúbios? Como explicar, se ela não se dá ao trabalho de entender nada, o que representa para mim a missa, rodeada por seres invisíveis sentados comigo nos bancos, seres que ao longo dos séculos rezaram como eu, que aquele é o único momento quando realmente me encontro com meus falecidos pais, naqueles sessenta minutos que dura a cerimônia. Emerenc não entende nada, não aceita nada, como o chefe de uma tribo primitiva, agita um vestido de lantejoulas como se fosse uma bandeira de guerra em direção ao cordeiro bordado na bandeira da fé.

A velha era contra a Igreja católica com uma paixão digna do século XVI, não apenas os padres, mas também contra deus e todas as figuras da Bíblia, com a única exceção de São José, que admirava em função de seu ofício – o pai de Emerenc era carpinteiro. Quando vi a casa onde ela nasceu, que emergia radiante por trás da cerca, com seu telhado com duas águas de vigas de madeira, parecia, ao mesmo tempo, um lar

camponês em estilo barroco e um pagode do distante Oriente, percebi a influência nos projetos desenhados pelo próprio Jozsef Szeredás, com sua marcante personalidade. As árvores-vacas, como Emerenc chamava os plátanos, em torno da casa, de fato eram imensas, e beirando a casa, um jardim florescia; quando eu andei por lá, era a casa mais bonita de Nádor, veio a ser a cooperativa das carpintarias e marcenarias da região. Aliás, o espírito de Voltaire de Emerenc não tinha lógica, eu não entendi o motivo por longo tempo, apenas me incomodava, até que, com a ajuda de outra boa pessoa, a quitandeira Sutu, juntamos os pedaços e a história finalmente foi revelada.

A birra de Emerenc com a Igreja não ocorreu após a vitória do bloqueio, entre o final da guerra e os primeiros episódios do período de paz, depois da ofensiva à qual ela escapou, tampouco é o resultado de uma formação filosófica entre os escombros de um mundo em ruínas, mas sim uma vingança primitiva, por causa de uma remessa postal vinda da Suécia. Um dia, o vilarejo de Emerenc recebeu pacotes de ajuda humanitária de uma igreja escandinava, mas até aquele momento ninguém sabia qual era a religião de Emerenc, nunca a viram na igreja, já que estava sempre trabalhando, principalmente no início, quando aceitava qualquer pedido de lavagem de roupa e fazia a maioria desse trabalho aos domingos. Enquanto os outros estavam na igreja, ela acendia sua pequena caldeira e se punha a ensaboar as roupas. A notícia de que os irmãos de fé a distância haviam enviado presentes aos companheiros de igreja, naturalmente chegou até ela também, sua amiga Polett correu à sua casa para avisá-la, e quando a distribuição teve início na capela, Emerenc, que nunca aparecia, de repente chegou, com seu vestido preto para dias especiais, e esperou que alguém a chamasse. Todos a conheciam da vizinhança, mas ninguém tinha contado com ela, as senhoras designadas para a distribuição, que serviam como intérpretes para a delegação sueca, olhavam embaraçadas para o rosto encovado e

impassível daquela figura esguia. Rapidamente se deram conta de que, mesmo não frequentando a igreja, ela deveria ser um membro esquecido daquela comunidade, mas já haviam distribuído todas as coisas de lã e de algodão. No fundo das cestas restaram apenas vestidos de noite doados por uma caridosa sueca, que se desfez deles junto com outras coisas inúteis, sem se atentar ao que seria necessário aqui. Sem querer deixar Emerenc ir embora de mãos vazias, como acabou acontecendo, esperavam que ela pudesse vender a doação para um teatro ou casa de cultura, ou talvez pudesse trocá-lo por comida – de forma alguma a intenção era irônica, mas foi como Emerenc entendeu, e jogou o vestido de noite aos pés da diretora da comissão beneficente, e a partir de então não entrou nunca mais na igreja, não por causa de excesso de trabalho, mas pelo seu próprio juramento, nem mesmo quando excepcionalmente lhe sobrava uma horinha livre. As senhoras beneficentes, deus e a Igreja eram uma coisa só em sua cabeça, e ela não deixava passar nenhuma oportunidade de fazer algum comentário sarcástico à casta dos crentes, nem a mim ela poupava, quando via que nos feriados santos, exatamente meia hora antes do culto, eu saía pelo portão com o livro de salmos nas mãos.

Na primeira vez que isso aconteceu, eu não sabia do episódio do vestido de noite, e, sem nenhuma malícia ou informação, perguntei se ela queria ir comigo. Ela me informou que não era uma dessas madames empetecadas de verde e azul que vão à igreja para desfilarem, para se exibirem, mesmo se não precisassem varrer a frente de sua casa, também não iria, e eu fiquei olhando espantada, porque desde o primeiro momento eu soube que ela tinha uma parente na Sagrada Escritura, Marta, já que a sua vida é uma eterna doação e trabalho para os outros, como poderia se zangar tanto com aqueles que estão acima de nós? Quando soube do motivo, os vestidos de noite, eu me revoltei, cobreí dela compostura, mas ela riu na minha cara, o que não lhe caiu bem, pois nem as lágrimas